

MIL E UMA VIDAS

Kim Patrice Santiago Sarmento¹

Ao redor da fogueira, jovens sentavam à procura do calor que emanava das chamas quando um menestrel, acompanhado de uma bela mulher, chegou ao reino dos Lírios. Todos olhavam para eles com certa maravilha nos olhos, pois não era sempre que um homem de longos cabelos brancos trajado com botas de couro, calças de linho e usando uma capa em tons de verde como um elfo da floresta chegava a essa cidade; quanto mais um que carregasse uma viola atada às costas. A mulher trajava um vestido longo e brilhante como se fosse feito de diamantes.

Assim como todo músico que chega numa nova cidade, é óbvio que ele queria se apresentar. Ele tirou a viola da caixa e, enquanto afinava as cordas, começou:

— Há muito tempo atrás... — articulou ao se aproximar da multidão — durante o solstício do último inverno, uma princesa se apaixonou. Ela era tão bonita quanto as luzes do céu que iluminam a noite. Aquela jovem era mais linda que a lua cheia. Entretanto, o nome dela não é tão importante nesse instante, mas sim o fato de que se apaixonou por um cantor. Ele não era como qualquer bardo que vocês encontram por aí. Era um que sabia o nome de todas as coisas. Ele sabia chamar o fogo com as próprias mãos, sabia controlar a água e acalmar tempestades.

Ele fez um gesto de silêncio, levando um dedo à boca. Em seguida, apontou para as orelhas:

— Escutem. — As chamas oscilavam com maestria. O vento por entre as casas sibilava com tremenda energia.

Após uma breve pausa e muitos olhares pedintes, um dos jovens sentado ao redor da fogueira quebrou o silêncio.

— O que aconteceu com ele? — perguntou uma garota chamada Ana — Eles ficaram juntos? Como você inicia uma história e não termina? Que drama!

A garota trajava um vestido surrado de algodão e possuía cabelos tão vermelhos quanto as flamas que queimavam a lenha. Ela apertava a terra abaixo de si entre seus dedos. Estava inquieta e bastante ansiosa pelo resto da história. O Menestrel sentou ao redor da pira e prosseguiu: — Bom, talvez não seja uma história com fim afortunado. Mas o que vocês

¹ Graduando em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas

entendem por finais felizes? O que vocês costumam ler por aqui? Já leram o conto “Correr pelos Ventos”? Não quero me gabar, mas eu escrevi.

— Não temos permissão para ler, senhor. — Ana o respondeu enquanto o bardo levava a mão à boca de tão absorto — Sendo sincera, sequer sabemos ler. O senhor desta Terra não gosta desse tipo de coisa. Vai de acordo com os ensinamentos da luz. Ler é coisa das trevas.

O menestrel viu algumas pessoas fazerem um sinal com os punhos fechados em direção ao céu. Talvez fosse um gesto de livramento de alguma religião local.

— Vejo que vocês carecem de histórias por aqui. — O bardo ultimou — Ainda bem que vim para este reino. — e dedilhou um pouco na viola antes de prosseguir: — Tudo começou quando um homem chegou a um reino onde a magia e a leitura era proibida, assim como este. Ele era um homem bem apessoado e... — Conforme ele ia contando a história dos dois amantes, alguns jovens começaram a divagar: A magia era mesmo proibida aqui também assim como a leitura? É claro. Se não podemos ler, não podemos usar magia. Foi então que um acorde na viola os trouxe de volta dos seus pensamentos:

— Foi nesse momento que ele a conheceu. Ela estava na varanda do castelo acenando para os seus súditos. Aquele bardo nunca havia visto alguém tão bela em toda a sua existência. Era a própria deusa da beleza personificada. Era como se a própria rainha da Lua tivesse descido para a Terra. “Como é o nome dela?” Aquele menestrel perguntou a um estranho. “Você fala da princesa Leena?” O estranho perguntou de volta, mas, não obtendo respostas, foi embora. O homem paralisou com tamanha beleza e, a partir daquele dia, o bardo fazia questão de que todas as suas apresentações ocorressem embaixo da sacada do quarto dela. Até o dia em que uma canção que ele fez em seu nome chegou aos seus ouvidos. Um dia, enquanto estava se apresentando, ela não se inclinou sobre o parapeito. Quando o poeta terminou a sua apresentação, olhou abobadamente para onde ela deveria estar, mas a princesa não deu as caras. Então alguém se aproximou. “O que você está fazendo, menestrel?” Perguntou uma voz feminina às suas costas. Distraído, ele disse: “A mulher que eu amo não me apareceu hoje. Será que aconteceu algo com ela?” A pessoa o respondeu: “Não aconteceu nada. De vez em quando, ela não aparece. Aquela música que você fez é pra ela?” O bardo meneou positivamente a cabeça e prosseguiu: “Depois que a conheci, todas as músicas são para ela.” Mas... — O homem de cabelos brancos fez um suspense para continuar a história.

— Mas, o quê?! — Alguém perguntou com exagerada curiosidade.

— Quando o bardo se virou para ver com quem era que ele estava falando... Quem vocês acham que era?

— Era a princesa Leena? — Ana disse de forma retórica e um tanto quanto eufórica. — Era ela?

— Tudo o que aquele cantor queria era que fosse ela. Mas, quando ele se virou, não era a sua amada. A própria rainha, que emanava ódio, estava em sua frente. Se a princesa já tinha ouvido falar no menestrel que fazia canções sobre a sua beleza, é claro que a rainha já ouvira falar nele também.

— E aí? O que aconteceu?! — Alguém implorou ao seu lado. A multidão tinha aumentado em pelo menos seis vezes desde que ele tinha começado a apresentação.

— O menestrel foi preso, oras. O que poderia ter acontecido? O músico foi preso por transformar o seu amor em canção. — Ele havia acabado de afinar a viola. Estava prestes a começar uma canção.

— Ele conseguiu escapar para ficar com a princesa? — alguém perguntou curioso.

— Esse é o problema de finais em branco, nunca sabemos o que aconteceu de fato. Só podemos imaginar. — O poeta fez um gesto com as mãos.

Um garoto retrucou — Não é possível! Ele sabia chamar o fogo, a água e todas as outras coisas. Ele deve ter escapado.

— Será mesmo? Então, ele fugiu e fez o quê?

— Ora, mas é óbvio. Ele fugiu, matou a rainha e se casou com a princesa. — o garoto respondeu.

— Você acha que a princesa iria se casar com um bardo que matou a mãe dela?

— Hm. Eu acho que não.

O silêncio que surgiu nesse momento quase não se dissipou. Cada um dos presentes naquela praça tinha um final diferente para a história do menestrel. — Alguém mais tem algum final melhor? — o homem de cabelos brancos perguntou.

Um garoto chamado Jorge levantou a mão. — Ele fugiu da cela, se encontrou com a princesa e fugiram para um lugar bem longe e viveram felizes para sempre.

O bardo deu de ombros. Era um final feliz de verdade. — Alguém tem um final que não seja feliz? — perguntou com um sorriso no rosto.

Alguém respondeu do outro lado da fogueira: — Ele não conseguiu fugir. Entretanto, a princesa foi até ele. Como era um amor proibido, os dois se mataram, porque não podiam viver sem amar um ao outro.

O menestrel assentiu que era mais um final possível. Então, juntou sua viola mais ao corpo: — Essa era a música que o homem criou sobre a princesa que conheceu. Prestem atenção.

Ele começou a tocar. Os dedos rápidos dedilhavam as cordas da viola e quase não se via seus dedos trocando de posição. O cancionista viajava de nota em nota como se a própria música saísse de suas mãos e não do instrumento. O lied começou como uma balada suave e de repente alcançou o coração de cada criatura num raio de quilômetros. Até a própria natureza havia parado para ouvir o que o homem tinha para cantar. As pessoas que estavam na praça já não ouviam o sibilar do vento por entre as casas nem o bambear do fogo, tudo o que ouviam era o instrumento e a voz do bardo que conseguia hipnotizar até mesmo um rei demônio com tamanha maestria.

Quando terminou, metade da vila que viera ouvir estava chorando; já a outra, boquiaberta. Aquelas pessoas tinham a certeza de que o vento levou a canção para todos da primeira vila e até mesmo para o ferreiro Tom, que morava no meio da colina perto da segunda vila.

— É por esse tipo de histórias, meus amigos, que negar o direito de ler e escrever ao povo é um crime. — ele dizia, enquanto guardava o sua viola na caixa. — O que pode amedrontar mais os nobres, que pobres fantasiadores e leitores? Enquanto pessoas ordinárias vivem uma vida só, o leitor já viveu mil e uma vidas. Podemos ser reis, heróis, aventureiros e até mesmo princesas se quisermos. Só precisamos ler o livro certo. Podemos ser imortais, mas os seus senhores não querem que sejamos. Por que não querem que sejamos imortais?

O povo da primeira vila não soube responder. — É porque, assim como os finais abertos, aprendemos a questionar se o que estamos vendo é certo ou errado. Será que ler é algo das trevas mesmo? Quantos de vocês se emocionaram com essa história? Se alguém não tivesse escrito essa história e composto essa canção para eu ler e interpretar, vocês não a teriam conhecido. Ler é um direito que qualquer ser senciente tem desde o dia do seu nascimento. Não deixem que tirem isso de vocês.

O menestrel então atou sua viola às costas, se despediu de todos, aceitou a gorjeta que quiseram lhe pagar e seguiu em direção ao norte. O poeta se chamava Hakon, caso vocês não saibam. Ele deu a mão à belíssima mulher que o acompanhava, levantou a outra mão e, com um estalo dos seus dedos, o sibilar do vento e o trepidar da fogueira eram audíveis novamente.